

Maria Ataíde Malcher, Jane Marques, Leandro Raphael N. de Paula / organizadores



História|Comunicação|Biodiversidade na
AMAZÔNIA

 **ACQUERELLO**
design&editora

Organização

Maria Ataíde Malcher

Jane Aparecida Marques

Leandro Raphael N. de Paula

História|Comunicação|Biodiversidade na

AMAZÔNIA

Durval de Souza Filho

Maria Ataíde Malcher

Francisco de Assis Costa

Joel Cardoso

Aldrin Moura de Figueiredo

Regina Lima

Netília Silva dos Anjos Seixas

Uriel Pinho

Vanessa Brasil de Carvalho

Ronaldo de Oliveira Rodrigues

Phillippe Sendas de Paula Fernandes

Rosiane Ferreira Gonçalves

Luciana Miranda Costa

Rosiane Pinheiro Palheta

Keila Andreane Corrêa da Silva

Neusa Pressler

Leandro Raphael N. de Paula

Dóris Santos de Faria



São Paulo, inverno de 2012

Imprensa paraense: um pouco da história da mídia na Amazônia



Netilia Silva dos Anjos Seixas
Vanessa Brasil de Carvalho
Phillippe Sendas de Paula Fernandes

Imprensa paraense: um pouco da história da mídia na Amazônia

Netilia Silva dos Anjos Seixas
Vanessa Brasil de Carvalho
Phillippe Sendas de Paula Fernandes

Introdução

Tomando como mote as três palavras-chave que compõem o título do livro – História, Comunicação e Biodiversidade na Amazônia –, a proposta deste capítulo é lançar um olhar sobre o surgimento e o fortalecimento da mídia impressa no contexto paraense, o que nos leva imediatamente para o cenário regional do século XIX.

Falar sobre a Amazônia – e o Pará – não é e nunca foi uma tarefa simples. Desde que foi mencionada nos relatos dos primeiros viajantes pela região (GONDIM, 2007; PAPAVERO *ET AL*, 2000), o nome *Amazônia* carrega uma multiplicidade de sentidos, a depender de onde e para que esteja sendo invocada, reiteradamente mencionada e lembrada por seus recursos naturais e menos por seus habitantes (antigos ou atuais) e toda a prática social, cultural e comunicativa que têm desenvolvido ao longo do tempo.

Há muito tempo, o ambiente amazônico tem sido múltiplo, ao mesmo tempo próximo e diverso do que se vê em outras partes do país. Observam-se cidadãos conectados mundialmente, mas, ao mesmo tempo, o ritmo diferenciado da natureza rodeia várias práticas cotidianas dos moradores, principalmente daqueles mais interioranos.

Entretanto, não se pode deixar de notar que os elementos midiáticos, em menor ou maior grau, passaram a existir no cotidiano do amazônida. E tudo isso começou com a chegada da imprensa, no Pará, nos idos de 1822. Depois dela, o telégrafo, o rádio, a televisão, o satélite, o celular e a internet, já no século XX, se inseriram nesse contexto e já fazem parte do cotidiano da população. E, assim, tudo está tão longe e tudo está tão perto...

Mas como se configurou a mídia na região Amazônica? Esta é uma indagação ampla, que demanda observação empírica, levantamento histórico de informações e discussão teórica. Mesmo assim, as lacunas ainda são muitas. E foi pensando em preencher um pouco mais essas lacunas que o projeto de pesquisa “Jornais Paraóaras: percurso da mídia impressa em Belém” foi criado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2009, com a preocupação de acompanhar a configuração da mídia impressa na capital paraense, em busca de estudos já existentes (inclusive de outras áreas, como História, Letras, Ciência Política) e de dados brutos, ainda não observados¹. Foi feita uma busca a partir do universo da Comunicação, tentando preencher uma ausência nesse sentido na região, ao lado de outras pesquisas e estudos já empreendidos na UFPA².

Tendo isso em vista, pode-se buscar o contexto histórico da constituição da imprensa na Amazônia e, mais especificamente, no Pará. Este é um caminho sem volta, trilhado com o fortalecimento da imprensa, cuja observação de sua própria produção discursiva cotidiana e das relações que estabelece evidencia o papel que passou a desempenhar na sociedade, inclusive na sociedade amazônica.

¹ O projeto, depois de aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2010, numa abordagem restrita ao século XIX, continua até 2012 e futuramente, com abordagem mais ampla temporalmente.

² Ver, nesse sentido, a pesquisa de Costa (1999), sobre os 70 anos do rádio em Belém, e o estudo de Santos (2010), sobre a publicidade paraense no período 1870-1912.

Os tópicos seguintes buscam contextualizar o surgimento dos chamados meios de comunicação, mais especificamente da mídia impressa; traçar um pouco do caminho percorrido pelos estudos em/sobre comunicação de maneira mais ampla; notar a complexidade desses estudos e, por fim, discutir a configuração da imprensa paraense no século XIX, a partir de três publicações impressas tidas como exemplares.

História e Comunicação: a presença da comunicação no cotidiano social

“É óbvio que a comunicação (...) existiu desde sempre na história dos homens, e não foi inventada pela imprensa, pela TV, pela internet”. Isso é o que diz Vera França (2010, p. 41), quando lembra que a modernidade não “descobriu” a comunicação.

Na mesma linha, John Thompson (2009, p. 19) ressalta que “em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico”. Desde as mais antigas formas de comunicação até as mais recentes inovações tecnológicas, “a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social” (THOMPSON, 2009, p. 19).

Para Wolton (1997), o que chamamos de modernidade foi o resultado do lento processo iniciado no século XVII, que tinha como característica a abertura das fronteiras mentais e culturais. Essa abertura foi condição ao aparecimento do conceito de indivíduo e, posteriormente, do de economia de mercado e dos princípios da democracia. A comunicação foi o artífice desse movimento. “Foi por meio dela que os mundos fechados se abriram uns aos outros e que começaram, primeiro, por trocar bens e serviços e, depois, a trocar ideias, artes e letras” (WOLTON, 1997, p. 31).

Um fato marcante na história, porém, foi o surgimento das indústrias da mídia como novas bases de poder simbólico - um processo que remonta ao século XV, segundo Thompson (2009, p. 54). O autor diz ainda que foi durante essa época que as técnicas de impressão se proliferaram pelo continente europeu e contribuíram para o crescimento da economia capitalista do fim da Idade Média

Por volta de 1450, Gutenberg já havia desenvolvido técnicas de impressão suficientes para poderem ser exploradas comercialmente na sociedade que se modernizava, aumentando o número de cópias de livros produzidas. Por isso, Thompson (2009, p. 52-4) diz que o advento da indústria gráfica representou o surgimento de novos centros e redes de poder simbólico e que esses, geralmente, escapavam ao controle da Igreja e do Estado.³ Ainda de acordo com o autor, com o desenvolvimento das instituições de comunicação a partir do século XV, os processos de produção, armazenamento e circulação de informação passaram por grandes mudanças.

Esses processos foram alcançados por uma série de desenvolvimentos institucionais que são característicos da era moderna. Em virtude destes desenvolvimentos, as formas simbólicas foram produzidas e reproduzidas em escala sempre em expansão, tornaram-se mercadorias que podem ser compradas e vendidas no mercado (...). De uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno (THOMPSON, 2009, p. 19).

Isso ainda é muito recente se compararmos com a história da humanidade. França (2010, p. 41) lembra, inclusive, que a própria palavra *comunicação* é recente, já que o seu uso exaustivo se deu, principalmente, a partir do século XX. Da mesma forma, estudos específicos sobre o fazer comunicação ou sobre os meios de comunicação datam do início do século XX, a exemplo das pesquisas sobre os meios de comunicação de massa, conhecidos por *Mass Communication Research*⁴.

³ Sobre isso, o autor destaca a relação dual entre Igreja e Imprensa, em que ora a primeira incentivava a segunda para o desenvolvimento de novos métodos de reprodução textual - que facilitavam a reprodução de materiais litúrgicos - ora a Igreja censurava os materiais impressos que pregavam o protestantismo, entre outras ideias “proibidas”, lembrando da Santa Inquisição. (THOMPSON, 2009, p. 57-8).

⁴ Mais informações sobre esse grupo, ver obra de Mauro Wolf (1995).

Tais estudos são recentes e foram motivados pelo desenvolvimento das práticas comunicacionais e a invenção dos novos meios de comunicação (FRANÇA, 2010, p. 48). Segundo França (2010, p. 48), “o próprio espaço acadêmico foi inaugurado ou estimulado por um investimento de ordem pragmática”: cursos na área de comunicação vieram antes da criação de teorias, complementando a formação técnica dos profissionais da área e ampliando sua dimensão humanista e social.

É por isso que, com frequência, “o estudo da comunicação se desenvolve voltado para a obtenção de determinados resultados, guiado por finalidades específicas – o que certamente compromete o distanciamento crítico necessário ao conhecimento” (FRANÇA, 2010, p. 48). E é também devido a isso que as “teorias da comunicação” são ainda propostas como resultados e/ou sistematizações de várias ações de pesquisadores da área que buscam conhecer a *comunicação* (FRANÇA, 2010, p. 41).

O desafio de pensar a Comunicação

Partindo da ideia de que o termo “comunicação” engloba vários sentidos, destacam-se aqui alguns atributos que os meios técnicos de comunicação possuem e que influenciam nesse processo, complexificando o entendimento do próprio campo, pois irá contribuir na delimitação do nosso objeto de estudo: a mídia impressa de Belém (PA), no século XIX.

Thompson (2009, p. 26-8) diz que um desses atributos é a possibilidade de fixação da forma simbólica no espaço-tempo maior e amplo, ou seja, a sua durabilidade. Outros atributos são a capacidade de reprodução desse material e o distanciamento espaço-temporal que o suporte técnico possibilita à comunicação, já que esta pode agora ser afastada de seu contexto original.

Sobre o uso desses meios técnicos, o autor ressalta que na produção e transmissão de formas simbólicas, os indivíduos geralmente empregam um meio técnico: um elemento material com que (ou por meio do qual), “a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor (...) Mas a natureza do meio técnico pode variar grandemente de um tipo de produção simbólica para outro” (THOMPSON, 2009, p. 26).

Todos esses atributos podem ser observados nos suportes e materiais de comunicação impressos, a exemplo de livros e jornais. Com o advento da imprensa, por exemplo, foi possível se pensar (e fazer) uma comunicação que não necessitasse do partilhamento do espaço e do tempo entre os interlocutores, e na qual a durabilidade da informação fosse maior em relação à comunicação oral (até então majoritária).

Essas vantagens podem ser a razão de Marques de Melo (2003, p. 39) identificar que, historicamente, o primeiro objeto comunicacional a suscitar estudos e a demandar sistematização foi a imprensa escrita, já que ela representa um material importante para a análise de discursos, quando se constitui em laboratório de estudo das transformações socioculturais (VERÓN, 2004, p. 239). Deve-se levar em consideração que nos meios técnicos empregados nos processos de comunicação, entre os atributos indicados por Thompson (2009, p. 28), está o distanciamento espaço-temporal que tal suporte possibilita.

França (2001, p. 14) pontua algumas formas de tratar a comunicação: como um processo de troca, ação partilhada ou interação e não apenas um processo de transmissão de mensagens com atenção à presença de interlocutores, à intervenção de sujeitos sociais desempenhando papéis, envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos, ou seja, envolvendo mais do que simples emissores e receptores. Para ela, a comunicação pode ser entendida como um “processo social básico de produção e partilhamento do sentido por meio da materialização de formas simbólicas” (FRANÇA, 2010, p. 41).

Porém, Thompson ressalta que a técnica não deve obscurecer o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é uma re-elaboração do caráter simbólico da vida, “uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si” (THOMPSON, 2009, p. 19).

É por tudo isso que “pensar a comunicação hoje é pensar a ligação entre os valores que estão na sua origem, as técnicas e o modelo democrático ocidental” (WOLTON, 1997, p. 10). Porque a comunicação está aí, onipresente, e ninguém é exterior a ela ou tem distanciamento em relação a ela, de acordo com Wolton (1997, p. 14), que completa:

Somos todos parte integrante da comunicação; ela nunca é um objecto neutro, exterior a si. Uma reflexão sobre a comunicação requer, pois, um esforço considerável de distanciamento, tanto da parte de quem procura compreender, como da parte daqueles a quem a reflexão se destina. (WOLTON, 1997, p. 14).

Contudo, mesmo sabendo da necessidade de se entender a comunicação como um todo, buscando estudar sua diversidade e complexidade, não se pode negar que existe uma tendência em estudar os textos, os meios e/ou as mensagens no processo de comunicação, que são “apenas” uma parte do processo (THOMPSON, 2009, p. 42).

No caso deste artigo, foi estabelecido um recorte, que se sabe ser efetivamente uma parte do todo, ao se voltar para a inserção da mídia impressa no cotidiano da população do Estado do Pará. Tal recorte, embora não tenha caráter abrangente, não deixa de ser significativo para estudar a região, constituindo-se em uma tentativa de entender as lógicas da comunicação nesse local já tão complexo e diverso – assim como é a comunicação.

Em vista disso, são discutidas aqui algumas questões que compuseram parte da trajetória do projeto “Jornais Paraóaras: percurso da mídia impressa em Belém” (em suas duas versões), de forma a suscitar o debate sobre a história da mídia na Amazônia e tentar preencher mais alguns espaços nas lacunas encontradas nesse tipo de pesquisa em Comunicação na Amazônia.

Muito além de um simples suporte

Nos jornais de Belém (Pará), a cena é constante: a Avenida Almirante Barroso, uma das mais agitadas avenidas da cidade, durante a manhã, tem um intenso tráfego de automóveis, ônibus e pedestres, rotina nas grandes cidades do país. No entanto, diariamente, principalmente nos ônibus, tornou-se hábito os jornalheiros entrarem nos coletivos oferecendo a edição do dia. Na prática diária dos jornalheiros, o jogo de sedução pela notícia é difícil e, para isso, eles recorrem às notas sobre esporte e polícia. São as mais variadas histórias transformadas em verdadeiras narrativas épicas, em que assassinatos e gols agregam mais leitores, ou não. A capital do Pará também é cenário do famoso Mercado do Ver-o-Peso, de movimentação frenética e de particularidades que registram a diversidade cultural de uma região chamada Amazônia. Entre peixes e frutos, mais uma vez lá estão as edições passadas de um jornal diário... Mas para quem pensa que jornal serve apenas para isso, está muito enganado. Eis uma fonte de pesquisa importante, recorrente nos estudos de distintas áreas científicas, e que transforma em palavra impressa, a partir de filtros como edição e linha editorial, os acontecimentos, as pessoas e o cotidiano de uma cidade.

Nesses 190 anos de imprensa paraense, percebe-se uma escassez de estudos que realizem o registro histórico dessa mídia regional de maneira ampla e organizada. Marques de Melo considera que esse desinteresse pelo assunto reflete-se em uma carência de bibliografia em âmbito nacional:

No ocaso do século XX, o interesse nacional pela memória histórica da Comunicação era nulo ou puramente residual. Até mesmo seu estudo nos cursos de Comunicação estava sendo excluído, quando não relegado a plano secundário. A bibliografia era escassa e polarizada. Dois livros disputavam a atenção dos jovens universitários: o singelo manual de Juarez Bahia, descrevendo as etapas do desenvolvimento da mídia em nosso país, e o alentado ensaio de Werneck Sodré, oferecendo uma interpretação marxista desse fenômeno. (MARQUES DE MELO apud RIBEIRO; HERSCHMANN, 2008, prefácio).

Entretanto, na área da Comunicação, nos últimos anos, nota-se uma maior preocupação com os estudos sobre a mídia no Brasil, por meio da realização de eventos e atividades de diversos grupos de pesquisa, como registram os pesquisadores Ana Paula Goulart Ribeiro e Micael Herschmann:

(...) O interesse por temas históricos da Comunicação, no entanto, tem se apresentado, nos últimos anos, como uma tendência crescente, tanto na Comunicação quanto na História. Em diferentes universidades do país, tem aumentado significativamente o número de monografias, dissertações e teses sobre o tema, bem como a quantidade de publicações, sejam na forma de livros ou artigos em geral (...). (RIBEIRO; HERSCHMANN, 2008, p. 14).

Um exemplo importante a ser mencionado, que demonstra essa tendência, é a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – Rede Alfredo de Carvalho (Rede Alcar) em 2001, com vistas à comemoração dos 200 anos da imprensa no Brasil, inaugurada a partir do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro a ser editado e impresso no país. Desse modo, foi definida a proposta da Rede Alcar:

Desenvolver ações públicas destinadas a comemorar os 200 anos de implantação da imprensa no Brasil, preservando sua memória e construindo sua história. Pretende-se contribuir para o avanço da mídia impressa no novo século, de forma integrada com a mídia eletrônica e a mídia digital, tornando-se patrimônio coletivo do povo brasileiro. (MARQUES DE MELO, 2009, s/n.).

Diante dessa crescente preocupação das pesquisas definindo como objeto de estudo a história da mídia brasileira, Ribeiro e Herschmann (2008, p. 17-8) mencionam um novo campo de estudo, ainda em processo de consolidação e definição de estratégias metodológicas, chamado de “História da Comunicação”.

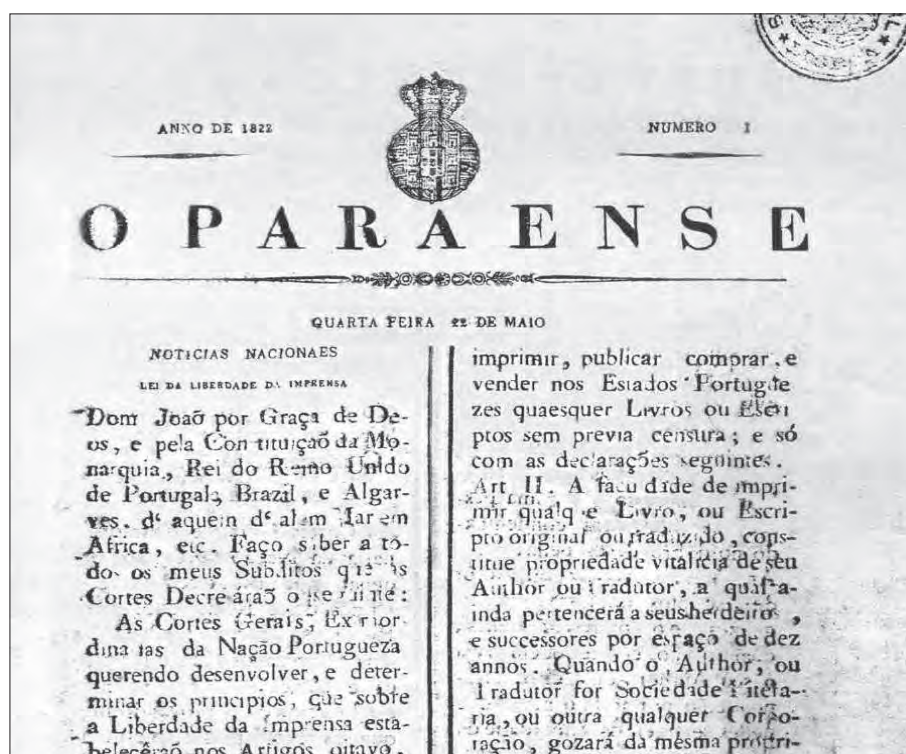
No âmbito regional, é o projeto de pesquisa “Jornais Paraóaras” que se propõe a estudar essa temática, buscando identificar e analisar a configuração gráfica e de conteúdo da mídia impressa de Belém, desde 1822 – ano da publicação do pioneiro jornal *O Paraense* –, até os dias atuais, realizando os devidos recortes. O que não se pode deixar de mencionar é a importância de um trabalho que define como fonte primária e objeto de pesquisa empírica os jornais, principalmente em uma região como a Amazônia, tão falada no mundo e imersa em tantas necessidades. Atualmente, o direcionamento do projeto “Jornais Paraóaras” define como *corpus* de pesquisa as publicações de Belém, entre jornais e revistas, do século XIX. Nesta etapa recente, um dos interesses do projeto, entre outros objetivos específicos, volta-se para o estudo dos sentidos sobre o Pará e a Amazônia presentes no discurso jornalístico da imprensa de Belém.

Mas por que estudar a imprensa de Belém? Vários são os motivos. Podem-se destacar alguns, como o fortalecimento da pesquisa em Comunicação na Amazônia; o necessário estudo histórico da imprensa de Belém, sob um viés dessa área do conhecimento; a busca pela sistematização e organização de informações sobre as variadas publicações que ocorreram ao longo do tempo; a produção de material didático sobre a história da imprensa na região a ser usado no ensino universitário.

Um dos principais locais de consulta de jornais para a realização das atividades da pesquisa é a Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna, em Belém, e seus três setores importantes: microfilmes, periódicos e obras raras. No entanto, são cada vez mais urgentes políticas públicas para a preservação de tão rico material, que possibilita diversos estudos, de diferentes olhares. Tais objetos empíricos são fontes inesgotáveis de pesquisa e garantem ao pesquisador caminhos diversos para desenvolver seus trabalhos.

O registro do cotidiano de uma cidade presente nos jornais resistiu ao tempo e chegou até nós. A partir de então, é possível realizarmos interpretações a partir desses vestígios, como registra a pesquisadora Marialva Barbosa (2007, p. 13): “A partir dos sinais que chegam até o presente, cabe tentar compreender a mensagem produzida no passado dentro de suas próprias teias de significação”. Compreender o passado nos leva a compreender o presente. E, quem sabe, alterar os passos com vistas a um futuro melhor.

Surge um jornal, *O Paraense*... Eis um século de muitas publicações



Primeira página do Jornal *O Paraense*, publicado no dia 22 de maio de 1822 | Fonte: Revista PZZ
Pará Zero Zero, p. 37, Ano II, nº 5, Ago./Set. 2008

No Pará, não só a biodiversidade era elevada no século XIX. A quantidade e a diversidade de publicações impressas também. No centenário da imprensa brasileira, em 1908, foi publicado no Pará – aos moldes de outros lugares do país – um catálogo em que foram inventariados os jornais publicados na capital e no interior do Estado, desde 1822 até 1908. Os dados são bastante significativos: 730 jornais (BELLIDO, 1908). Publicações de posicionamentos editoriais diferentes e com uma trajetória, na maior parte das vezes, fugaz. O historiador Aldrin Figueiredo (2008, p. 37) ainda registra particularidades sobre esse extenso universo dos jornais aqui publicados durante o referido período: do total, “722 jornais foram impressos em português, quatro em espanhol, três em italiano e apenas um em francês”. Na Amazônia brasileira as informações chegaram a ser publicadas em outros idiomas, destacando a presença de imigrantes na região. E quem inaugura essa trajetória?

É o ano de 1822, poucos anos após a Revolução Constitucionalista de Portugal. Interesses do além-mar, interesses na então Província do Grão-Pará levaram à publicação do pioneiro jornal do Norte do país, *O Paraense*. Pelas mãos de Filipe Patroni, seu principal idealizador, Domingos Simões da Cunha, Baptista da Silva e com a colaboração de Daniel Garção de Mello, Luiz José Lazier e João Antônio Alvarez, numa quarta-feira, dia 22 de maio de 1822, circulava a primeira edição do jornal (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 13). No entanto, antes mesmo da publicação do primeiro número de *O Paraense*, destaca-se a iniciativa de João Francisco Madureira, o responsável pela primeira experiência tipográfica em Belém, ainda no ano de 1820. Com o seu requerimento aprovado pela Junta de Governo Provisional, a rústica oficina de Madureira imprimia apenas pequenos avulsos, como identifica Carlos Rizzini (*apud* SODRÉ, 1966, p. 41).

Embalado pelos ideais do movimento Vintista, Patroni arquitetava o projeto de instalar em Belém uma tipografia que fizesse circular o jornal e, por meio de suas páginas, formar e conduzir a opinião pública

a partir das conquistas dos revolucionários portugueses. No entanto, isso não transformou o periódico em apenas um instrumento de reprodução de ideias, mas, sim, num veículo crítico da situação social de então, como afirma Geraldo Mártires Coelho (1989), importante historiador com trabalhos de destaque sobre a origem da imprensa no Pará:

(...) sua ação, como pode ser constatada, não foi passiva, não se deixou marcar apenas pela reprodução, sem maior originalidade, da semântica constitucional metropolitana. Em outras palavras, o primeiro momento do jornalismo paraense não praticou tão somente uma emolduração de idéias, mas atuou de maneira ativa como expressão de um pensamento político dinâmico: o da crítica, da rejeição à hipertrofia da autoridade militar colonial no Pará. (COELHO, 1989, p. 157).

O material tipográfico do jornal *O Paraense* era usado e foi adquirido da Imprensa Nacional de Lisboa. Coelho (2008) também registra a repercussão na sociedade após a publicação da primeira edição do jornal, principalmente entre as autoridades da época:

O aparecimento de O Paraense em maio de 1822 foi, de fato, um acontecimento marcante para a vida pública da Belém de então. A correspondência que os governos civil e militar do Pará dirigiram a Lisboa não deixa dúvidas quanto ao impacto que o começo da imprensa produziu na Província. De uma maneira geral, esses documentos vão relacionar a ação da imprensa à idéia de anarquia (...). (COELHO, 2008, p. 35).

O jornalismo d'*O Paraense* era identificado com os fundamentos políticos do Reino Unido de Portugal e do Constitucionalismo de 1820. O jornal ficou sob a orientação de Filipe Patroni até a sua sexta edição, quando o bacharel foi preso e deportado para Lisboa. A partir de então, o comando do jornal foi assumido pelo cônego João Batista Gonçalves Campos, que mais tarde teria a sua imagem associada a um importante agente das ideias da Independência do Brasil no Pará. Em seguida, o cônego Silvestre Antunes Pereira da Serra substituiu Batista Campos.

O pioneiro jornal do Norte do país foi publicado até a sua 70ª edição, em fevereiro de 1823, parando de circular após a invasão e empastelamento da tipografia pelos militares, como descreve a jornalista e pesquisadora Maria do Socorro Veloso (2009, p. 5). Coelho (1989) destaca que a tipografia de *O Paraense*, após a extinção do jornal, seria utilizada para publicar *O Luso Paraense* (1823), com uma linha editorial que servia ao discurso colonial e colonizador do governo da Província do Pará.

Nas décadas iniciais da imprensa em Belém, 1820 e 1830, é recorrente a temática política na publicação de suas folhas. No entanto, isso não exclui a existência de outras temáticas, como religiosa, econômica, policial e militar, que, de alguma maneira, também estabelecem uma relação com a política. Em relação aos aspectos gráficos dos jornais, é notável a ausência de manchetes, comuns no jornalismo contemporâneo. No lugar em que hoje são publicadas as conhecidas manchetes, havia pequenos títulos que destacavam as informações mais importantes. Além disso, os próprios textos, do ponto de vista de sua localização na página, não contavam com uma ordem coerente e nem organização em editorias. Ainda no início do século XIX, nos periódicos não existiam editorias, característica também dos jornais atuais. As edições dos jornais em Belém eram marcadas, principalmente as iniciais, por *prospectos* e, posteriormente, pelos artigos de fundo, que podem ser vistos como os “editoriais” de então (FERNANDES, 2010).

Diante da relação dos jornais com a política, era necessário desenvolver uma maneira para que os periódicos alcançassem um maior número de pessoas – já que havia uma pequena parcela de letrados – e também que a prática não demandasse tantos gastos. Isto porque produzir um jornal, naquele contexto, era custoso. Figueiredo (2008), considerando as informações da historiadora Magda Ricci, apresenta uma visão geral da forma como os jornais nas décadas de 1820 e 1830 se propunham, características semelhantes aos jornais de outros estados, como Pernambuco e Bahia:

Magda Ricci, que tem especializado-se no tema, afirma que tais panfletos eram, antes de tudo, folhas volantes, de não mais de quatro ou cinco páginas do tamanho de um pequeno caderno, mandadas imprimir na forma de libelos políticos desta ou daquela facção (...). O que existia, em suma, era uma outra idéia de jornal, com uma lógica muito própria, baseada principalmente nos debates da política. (FIGUEIREDO, 2008, p.37).

Considerando as décadas de 1840 e 1850, Barbosa (2010), parafraseando Lílian Schwarcz, caracteriza, de uma maneira geral, a imprensa brasileira de meados do século XIX, destacando a configuração gráfica e de conteúdo dos impressos daquela época:

Caracterizando essas publicações de meados do século XIX, Schwarcz (...) afirma que são preenchidas em geral por artigos, localizados em estreitas colunas que se iniciam logo abaixo do título do jornal, e anúncios. A primeira página é composta pelo tradicional artigo de fundo e pelo relato das atas, leis e discursos dos letrados do Império (...). Geralmente ocupando quatro colunas, editam-se ainda notícias misturadas aos anúncios os mais diversos. (BARBOSA, 2010, p.50).

Grande parte dos jornais publicados em Belém no período assinalado possuía tais características nas suas edições. O destaque para os assuntos políticos e uma diagramação simples se constituiu desde o início da imprensa paraense, seja pela contextualização social da época, seja pelas limitações técnicas na produção das folhas. No entanto, nesse período, surgiram jornais que possuíam características diferentes dessas publicações.

Foi ainda nessa época que editou-se o primeiro jornal de publicação diária do Estado, o *Diário do Gram-Pará* (1855), alcançando uma existência de quase 40 anos. Nesse periódico, percebe-se que havia a publicação de textos curtos sobre acontecimentos factuais envolvendo personalidades da sociedade, aproximando-se das clássicas características que o jornalismo contemporâneo considera como *notícia*, ou seja, a novidade, a concisão e o suposto interesse do público-leitor.

No final do século XIX e início do século XX, Belém viveu um período denominado *Belle Époque*. Características como a remodelação urbana, a mudança de hábitos e costumes, e uma política de embelezamento inspirada nas cidades europeias só foram possíveis porque a capital paraense contava com os subsídios provindos da economia da borracha e, também, era o principal ponto de escoamento do produto para o mercado externo. Segundo Maria de Nazaré Sarges (2000, p. 48), “de 1870 a 1910, considera-se o maior surto econômico já verificado na região, tendo-se como principal indicador o crescimento da produção da borracha”. Nesse período, proliferaram-se as publicações e a imprensa assumiu uma função diante das mudanças pela qual a cidade passava:

A estratégia higienista procurou dirigir a luta contra o lixo ameaçador (...). Isto leva-nos a perceber a importância do papel da imprensa que se achava porta-voz dos habitantes, ao denunciar o perigo que representava à população as epidemias, associada ao zelo pelo aspecto da cidade diante da impressão que causaria aos visitantes. (SARGES, 2000, p. 106).

Tal função higienista na imprensa foi também notada por Fernandes (2011), quando analisou duas edições do jornal *A Vida Paraense*, publicadas em 30 de outubro e 20 de novembro de 1883. Além da preocupação com a limpeza da cidade, aos jornais também se atribuía a função de fiscais do tesouro público, principalmente, naquele período de “surto econômico”.

O jornalista e pesquisador Paulo Roberto Ferreira (2005, p. 4) afirma que a base econômica da região, naquela época, criou condições para o desenvolvimento da imprensa, marcando “um período de transição entre a imprensa episódica, quixotesca, aventureira e heróica para uma postura mais empresarial”. Foi em 1876, por exemplo, que surgiu *A Província do Pará*, sob as mãos de Joaquim José de Assim, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio Lemos, jornal extinto 125 anos depois de sua fundação. Na comemoração do

centenário do jornal, o jornalista e historiador Carlos Rocque (1976) publicou um livro em que são relatados os principais acontecimentos que envolveram a história d'A *Província do Pará*, destacando também o incêndio (SEIXAS, 2011) de 1912:

Quando, pela primeira vez, A PROVÍNCIA foi apreçada pelos gazeteiros, Belém era uma cidadezinha de menos de 90 mil habitantes. Com um belo futuro, mas ainda muito pequenina, muito modesta. E nesses 100 anos A PROVÍNCIA acompanhou a evolução da cidade. Noticiou – e participou ativamente – dos maiores e mais conturbados episódios de nossa História. Por isso foi incendiada em 1912. Mas o solo em que a plantaram era fértil e em 1922 ressurgiu das cinzas. Novamente forças poderosas, que tanto temiam o grande jornal, fizeram com que, passados alguns anos, voltasse a silenciar. Acontece que estava escrito que A PROVÍNCIA não entraria no imenso rol dos grandes jornais desaparecidos. (ROCQUE, 1976, p. 5).

A virada do século XIX para o século XX marca, como já mencionado, o processo de complexificação da produção periódica diária de Belém. Os grandes jornais utilizaram recursos tecnológicos e as edições ganharam mais conteúdo, entre novas editorias e suplementos literários, modificando seus aspectos gráficos e editoriais. A imprensa da capital paraense teve grandes e pequenos jornais que sempre marcaram em seu posicionamento editorial os objetivos e motivos para tal publicação.

Mas, na Amazônia, durante o século XIX, que tipo de compromisso a própria imprensa se propunha?



Jornal A Província do Pará, o mais duradouro do Estado | Fonte: PARÁ, Governo do Estado do, 1901-1909. (Augusto Montenegro) | Álbum do Estado do Pará: oito anos de governo | Paris: Chaponet, 1908, p. 337

Uma meta-análise da comunicação: algumas reflexões

Para tentar responder a essa questão, o ponto de partida será a análise de três jornais de destaque publicados em importantes momentos da imprensa regional: *O Paraense* (1822), *Diário do Gram-Pará* (1853) e *A Província do Pará* (1876). Desses, talvez o primeiro seja o mais estudado dos três, já que foi o jornal pioneiro na região. Instrumento de divulgação dos ideais da Revolução Constitucionalista de Portugal e veículo crítico da situação da sociedade, por meio de Filipe Patroni – seu principal idealizador –, O

Paraense contrapôs o caráter oficialismo das primeiras publicações da imprensa brasileira.

O pesquisador Marco Morel (2008) destaca o surgimento da imprensa no Brasil e o registro nos impressos das características das condições sociais da época:

(...) o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu numa espécie de vazio cultural, mas em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria. Ou seja, o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais. (MOREL, 2008, p. 25).

No Pará, as transformações nas relações de poder, mencionadas acima por Morel, eram bastante evidentes. Na primeira edição do jornal *O Paraense*, de 22 de maio de 1822, a prática e a extensão da liberdade de imprensa a todos os países que formavam o Reino Unido de Portugal foi o principal tema abordado no periódico. Era o registro de mudanças pelas quais passava o país. Após o cerceamento à imprensa e aos livros, aquela edição de *O Paraense* marcava o novo cenário da cena pública no que dizia respeito à produção e circulação de bens simbólicos nos veículos de impressão na época, um dos aspectos centrais da vida social, como registra Thompson (2009, p. 19).

O segundo jornal destacado é o *Diário do Gram-Pará*, publicado pela primeira vez pelos portugueses José Joaquim Mendes Cavalleiro e Antônio José Rabello Guimarães, no dia 10 de abril de 1853. A edição do jornal diário publicada no dia 9 de junho de 1857 pode ser tomada como exemplo. Nela, críticas e louvações ao trabalho da imprensa integraram a carta publicada na primeira página do jornal, seção “Interior”, e assinada por “N...”. O que chama mais atenção no referido texto é a dita “rainha do mundo”. Quem seria? Em meados do século XIX, um leitor do interior do Estado do Pará, além de relatar os problemas de sua região, define a opinião pública como a “rainha do mundo”, que seria representada “na tribuna como na imprensa”.

Louvado Deos – Sr. Redactor, porque a imprensa ainda não he tão inútil, como eu tinha ja descrido della, que me hia convencendo que as reclamações que por ella se fazião nada mais erão que recommendações contra o que se reclamava. (...) Quem não sabe que a opinião publica he nos tempos em que vivemos a rainha do mundo, e que a representação dessa soberana tanto está na tribuna como na imprensa? (Jornal Diário do Gram-Pará, nº. 127, 9 de junho de 1857, p. 1).

As duas primeiras décadas do século XIX são definidas por Marco Morel como o período em que surge a opinião pública no Brasil, por meio dos papéis impressos. Essa opinião pública, segundo o pesquisador, possuía diversas interpretações, entre as quais, um “recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral” ou, ainda, “com peso para influir nos negócios públicos, ultrapassando os limites do julgamento privado” (MOREL, 2008, p. 33).

O leitor (N...) da carta publicada no *Diário do Gram-Pará* descrevia os problemas de sua localidade e, ao mesmo tempo, uma descrença com o trabalho da imprensa. No entanto, quando conseguiu publicar a primeira carta contendo reclamações e percebeu que a ação da imprensa produziu efeito, passou a acreditar no trabalho dos jornais. Nesse exemplo, é possível refletir sobre o papel que já detinha a imprensa na época, na Amazônia, como *intermediária* entre poder público e sociedade, assim como espaço para debates e exigências. Em outras palavras, a imprensa já se constituía em espaço público no contexto regional, em produtora de discursos ativos que a colocavam em uma posição especial nas relações institucionais da época, concedendo-lhe poder.

Quanto ao jornal *A Província do Pará*, ele foi, talvez, o principal exemplo da fase de transformações que marcam a imprensa periódica paraense no final do século XIX e início do século XX, numa tendência nacional. Com a complexificação do fazer jornalístico, os grandes jornais passaram a utilizar recursos tecnológicos, o que interferiu no conteúdo e nos seus aspectos gráficos. No entanto, a postura empresarial também provocou alterações editoriais, que vão se diferenciar da maneira como a imprensa dita artesanal foi conduzida. Marialva Barbosa (2010) aponta para a função que a imprensa, nesse novo período, busca constituir com vistas a uma atuação imparcial:

Ao mesmo tempo, ao valorizarem no seu conteúdo o excepcional, o extraordinário, o ineditismo, veiculados sempre como imparcialidade e verdade, constroem, também, a memória de seu lugar na sociedade e da própria sociedade sob ótica singular. As campanhas que realizam com finalidades específicas, contrapõem o silêncio ideológico de determinados temas. Entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais diários vão se constituindo como “senhores da memória” da sociedade, aumentando seu campo de atuação e o seu poder. (BARBOSA, 2010, p. 130).

Os campos de atuação e de poder, quando se trata do jornal *A Província do Pará*, são de muita relevância. Além do intenso vínculo com importantes políticos da época, o jornal seguia uma postura editorial que, muitas vezes, fora combatida por outros periódicos. Não apenas no campo midiático, mas as lutas de poder no campo político também refletiam na produção do jornal. O incêndio da sede de *A Província do Pará* é um dos principais exemplos da relação entre os dois campos, gerando, nesse caso, consequências fatais, como registra Seixas (2011, p. 12-4), que destaca a existência da mídia impressa de Belém sempre relacionada, de alguma maneira, com a instância política, apontando também o uso do jornal como espaço público entre, pelo menos, tais segmentos da sociedade da época.

Relações de poder, memória, registro da vida cotidiana e tantos outros aspectos podem ser mencionados quando o assunto é a atuação midiática. O desafio se torna maior quando o trabalho está baseado em vestígios de jornais publicados há anos. Longe de encerrar o debate, este tópico contém algumas inquietações sobre três principais jornais publicados no Pará, que dimensionam as possibilidades de estudos sobre a compreensão de tais periódicos.

No final, sem final

Após a apresentação de algumas informações sobre a imprensa em Belém no século XIX, é possível concordar novamente com Thompson (2009), quando trata sobre a reconfiguração que a mídia provoca na sociedade. Na Belém dos oitocentos, a chegada da imprensa significou a configuração de um espaço público, em seu início, com a exposição de ideias externas de uma maneira a contrapor a ordem estabelecida e a centralizar o debate político-administrativo. Já a partir da metade do século, a imprensa já podia ser considerada definitivamente fazendo parte da vida social de então, sendo tanto referendada pelo público leitor quanto autorreferendada.

A descrição e discussão dos passos da mídia no Pará, e na Amazônia, e tudo o que isso implicou e implica, na atualidade, é a missão que está posta aos estudiosos da Comunicação. O que está posto, por certo, é se tratar de um caminho sem volta, como as águas do rio, em outro rio, no mar... Nesse percurso, do rio, ciclos se encerram e se iniciam, nele e a sua volta. Com a comunicação humana será diferente?

De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum. (THOMPSON, 2009, p.14).

Referências

- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- _____. **História cultural da imprensa**: Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BELLIDO, Remijio de. **Catalogo de jornaes paraenses**: 1822-1908. Pará: Imprensa Oficial, 1908.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **Campo da comunicação**: caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, p.11-39.
- _____. **Constituição do campo da Comunicação**. Verso e Reverso, XXV(58), p. 62-77, jan.-abr. 2011.
- COELHO, Geraldo Mártires. Imprensa, idéias e poder: o surgimento da imprensa no Pará. **PZZ Pará Zero Zero**. Publicação bimensal da Editora Resistência. P. 22-39, Ano II, nº 5, Ago./Set. 2008.
- _____. **Letras & baionetas**. Belém: Cultural Cejup, 1989.
- COSTA, Luciana Miranda. **Os 70 anos do rádio em Belém**. Projeto de pesquisa concluído. Belém: curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, 1999.
- FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. Comunicação & História: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, no **VIII Encontro Nacional de História da Mídia**, realizado em Guarapuava (PR), entre os dias 28 e 30 de abril de 2011.
- FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. Imprensa e Política na Belém do início do século XIX. Trabalho apresentado ao Intercom Júnior de Jornalismo, do **IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, realizado de 27 a 29 de maio de 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0153-1.pdf>>. Acesso em 21 mar 2012.
- FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia. Artigo apresentado no **3º Encontro Nacional de História da Mídia**, promovido pela Rede Alfredo de Carvalho, de 14 a 16 de abril de 2005, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, no *campus* da Feevale. Apresentado no Grupo de Trabalho de História da Mídia Impressa. Acesso no site da Rede (<http://www.redealcar.com.br/>), 2005.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822-1922 (primeira parte). **ZYG360.com**. Publicação trimestral da Fundação de Telecomunicações do Pará. P. 36-38, Ano 1, nº 4, Nov. 2008.
- FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 39-60.
- _____. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? Trabalho apresentado no **X Encontro Anual da Compós**, realizado na Fundação Universidade de Brasília, em Brasília, 2001. Disponível em: <www.compos.org.br>. Acesso em 30 nov. 2010.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª ed. rev. Manaus: Valer, 2007.
- LOPES, Maria I. V. de. O campo da comunicação sua constituição, desafios e dilemas. **Revista Famecos**, n.30, ago.2006, p. 16-30.
- MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **O pragmatismo utópico da Rede Alfredo de Carvalho**. Disponível em <http://comunicacao.feevale.br/redealcar/index.php?option=com_content&view=article&id=59&Itemid=66> Acesso em 10/11/2009.
- MARTINO, Luiz C. Abordagem e representações do campo. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 3, n.8, p. 33 – 54, nov. 2006.

_____. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 11-26.

_____. História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional. **E-Compós**, vol. 1, 2004. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/22/23>> Acesso em 30/01/2012.

_____. Uma questão prévia: existem Teorias da Comunicação? In: MARTINO, Luiz C. (Org). **Teorias da comunicação**: muitas ou poucas? Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 13-42.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p.45-80.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-43.

MOREL, Marco; BARBOSA, Marialva. **História da imprensa no Brasil**: metodologia. Disponível em <<http://www.redealcjournalismo.ufsc.br/metodo.htm>> Acesso em 25/09/2009.

PAPAVERO, Nelson; OVERAL, William (Orgs.). **O novo Éden**: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X/ Globo Universidade, 2008.

ROCQUE, Carlos. **A história de A Província do Pará**. Belém: Mitograph, 1976.

SANTOS, Luiz César Silva dos. **PubliCIDADE belle époque**: a mídia impressa nos periódicos da cidade de Belém entre 1870-1912. Tese de Doutorado. Doutorado em História. São Paulo: Universidade de São Paulo.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornais Paraoaras**: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX. Projeto de pesquisa CNPq Edital MCT/CNPq/ MEC/CAPES N.º 02/2010. Pará: UFPA, 2010.

_____. Política, justiça e mídia impressa no Pará: tecendo sentidos. Trabalho apresentado no Seminário Temático Discurso, Direito e Mídia do **IX Congresso Latino Americano de Estudos do Discurso**, realizado na UFMG, em Belo Horizonte, MG, de 1-4 nov. 2011, pela Associação Latino Americana de Estudos do Discurso (ALED).

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VELOSO, Maria do Socorro Veloso. A ferro e fogo: conflitos no primeiro século da imprensa paraense. Trabalho apresentado no **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, realizado de 4 a 7 de setembro de 2009, em Curitiba, Paraná. Apresentado no DT-1 (Jornalismo), GP História do Jornalismo. Acesso no site da Intercom (<http://www.intercom.org.br/>), 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4 ed. Lisboa, Portugal: Presença, 1995.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Pensar a comunicação**. Portugal: Difusão Editorial S.A., 1997.